

Manifestação
ao ar livre na
Ceilândia,
cidade com o
maior número
de grupos
de rap

São mais de 200 grupos de cultura hip-hop, só em Ceilândia, mas a cidade não tem espaços públicos para a expressão de sua arte. "A galera se encontra à noite, nas ruas, e faz festa nas calçadas ou dentro da própria casa", conta o rapper Japão, do Viela 17. O rap se expressa na geografia onde nasceu — nas ruas. "O rap quer que as crianças estudem, mas que também fiquem na rua. Temos que ocupar os espaços, construir em coletividade", comenta o vocalista. No primeiro fim de semana deste mês, o Viela 17 foi uma das atrações do festival Hip-Hop Contra o Crack, na Praça dos Eucaliptos (Ceilândia), conhecida como Cracolândia. Outros rappers do DF lembram que a força da cultura marginal no hip-hop não é exclusividade de Ceilândia. É o caso das noites do Paranoá e de São Sebastião, garante o rapper Magu, do grupo Diga How. "É sempre muito difícil inserir o rap como cultura em qualquer quebrada. Mas ele é uma realidade forte", diz Magu. No Paranoá, a galera leva o som para o coreto da praça, onde cada um tem a liberdade de contribuir com o seu estilo. Em São Sebastião, as noites são agitadas por grupos culturais, como a Associação Sociocultural Radicais Livres e o Movimento Contracultural SuperNova.

Nem só de hip-hop se faz a ebulição cultural das regiões administrativas. As cidades abrigam o forró, o funk, o samba, o pagode, o axé, e também o maracatu de baque virado, o samba de coco e a ciranda. Com o Grupo Tamnoá — Tambores do Paranoá —, os moradores buscam suas raízes: "A cidade tem muitos nordesti-

“

As regiões administrativas são autorais na sua noite. Basta ter cultura na rua, que é o que tentamos oferecer"

Ângelo Macarius,
músico de Sobradinho

nos. Um grupo entrou em um curso de percussão e foi se aproximando e se apropriando desse ritmo", conta a a diretora-geral da organização, Fabiana Leonardo de Oliveira. O grupo com 12 integrantes fixos — 80% dos quais moradores do Paranoá —, realiza pelo menos um ensaio aberto por semana, todos os domingos.

Por outro lado, o rock — gênero musical que se tornou referência da capital — também se faz presente nas regiões administrativas. Entre elas, uma das que melhor representa o estilo é Sobradinho. A produtora Elisa Rachaus reforça: "Sobradinho inspira rock'n'roll. Nós realizamos eventos públicos com esse foco musical".

O músico Ângelo Macarius, integrante do coletivo Buraco da Fechadura, afirma que a cidade honra o título de Cidade Arte: "A noite de Sobradinho costumava ser mais efervescente. Agora, é mais organizada e tem um potencial de lançar artistas nacionalmente". Ex-integrante da banda de rock Lótus Negro e atual integrante da banda de MPB Os Perdurabos, Macarius defende que os gêneros que surgem na região administrativa são autênticos e, mesmo no caso do rock, a construção de uma identidade própria se sobressai. Para Rachaus, as referências a Brasília existem, mas sem se tornarem uma simples reverência à capital do país: "As regiões administrativas são autorais na sua noite, no seu movimento artístico. E quem mora aqui quer curtir a sua cidade. Basta ter cultura na rua, que é o que tentamos oferecer".

O protesto rompe a escuridão

Manifestações musicais ecoam nos quatro cantos do Distrito Federal, onde cada região parece ter encontrado sua batida perfeita, seja no **movimento hip-hop** predominante em **Ceilândia**, seja no **rock de Sobradinho** ou ainda na percussão forte que vem lá do **Paranoá**